

O Evangelho segundo o Espiritismo

Contém

A EXPLICAÇÃO DAS MÁXIMAS MORAIS DO CRISTO, SUA CONCORDÂNCIA COM O ESPIRITISMO E SUA
APLICAÇÃO ÀS DIVERSAS POSIÇÕES DA VIDA

por

Allan Kardec



Fé inabalável é somente a que pode
encarar a razão face a face, em todas as
épocas da Humanidade.

Tradução de Evandro Noletto Bezerra



Sumário

Prefácio	11
Introdução	13
I – Objetivo desta obra. – II – Autoridade da Doutrina Espírita. Controle universal do ensino dos Espíritos. – III – Notícias históricas. – IV – Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo. Resumo da doutrina de Sócrates e Platão.	
Capítulo I – Não vim destruir a Lei	37
As três revelações: Moisés, o Cristo, o Espiritismo: 1 a 7. – Aliança da Ciência e da Religião: 8. <i>Instruções dos Espíritos</i> : A Nova Era: 9 a 11.	
Capítulo II – Meu Reino não é deste mundo	45
A vida futura: 1 a 3. – A realeza de Jesus: 4. – O ponto de vista: 5 a 7. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Uma realeza terrestre: 8.	
Capítulo III – Há muitas moradas na casa de meu Pai	51
Diferentes estados da alma na erraticidade: 1 e 2. – Diferentes categorias de mundos habitados: 3 a 5. – Destinação da Terra. Causa das misérias terrenas: 6 e 7. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Mundos inferiores e mundos superiores: 8 a 12. – Mundos de expiações e de provas: 13 a 15. – Mundos regeneradores: 16 a 18. – Progressão dos mundos: 19.	
Capítulo IV – Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo	61
Ressurreição e reencarnação: 1 a 17. – A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os desfaz: 18 a 23. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Limites da encarnação: 24. – Necessidade da encarnação: 25 e 26.	
Capítulo V – Bem-aventurados os aflitos	73
Justiça das aflições: 1 a 3. – Causas atuais das aflições: 4 e 5 – Causas anteriores das aflições: 6 a 10. – Esquecimento do passado: 11. – Motivos de resignação: 12 e 13. – O suicídio e a loucura: 14 a 17. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Bem e mal sofrer: 18. – O mal e o	

remédio: 19. – A felicidade não é deste mundo: 20. – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras: 21. – Se fosse um homem de bem, teria morrido: 22. – Os tormentos voluntários: 23. – A desgraça real: 24. – A melancolia: 25. – Provas voluntárias. O verdadeiro cilício: 26. – Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?: 27. – Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?: 28. – Sacrifício da própria vida: 29 e 30. – Proveito dos sofrimentos para outrem: 31.

Capítulo VI – O Cristo Consolador99

O jugo leve: 1 e 2. – Consolador prometido: 3 e 4. – *Instruções dos Espíritos*: Advento do Espírito de Verdade: 5 a 8.

Capítulo VII – Bem-aventurados os pobres de espírito.....105

O que se deve entender por pobres de espírito: 1 e 2. – Aquele que se eleva será rebaixado: 3 a 6. – Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes: 7 a 10. – *Instruções dos Espíritos*: O orgulho e a humildade: 11 e 12. – Missão do homem inteligente na Terra: 13.

Capítulo VIII – Bem-aventurados os que têm puro o coração117

Deixai vir a mim as criancinhas: 1 a 4. – Pecado do pensamento. Adultério: 5 a 7. – Verdadeira pureza. Mãos não lavadas: 8 a 10. – Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a: 11 a 17. – *Instruções dos Espíritos*: Deixai vir a mim as criancinhas: 18 a 19. – Bem-aventurados os que têm os olhos fechados: 20 e 21.

Capítulo IX – Bem-aventurados os que são mansos e pacíficos.....129

Injúrias e violências: 1 a 5. – *Instruções dos Espíritos*: A afabilidade e a doçura: 6. – A paciência: 7. – Obediência e resignação: 8. – A cólera: 9 e 10.

Capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos135

Perdoai para que Deus vos perdoe: 1 a 4. – Reconciliação com os adversários: 5 e 6. – O sacrifício mais agradável a Deus: 7 e 8. – O cisco e a trave no olho: 9 e 10. – Não julgueis para não serdes julgados. Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra: 11 a 13. – *Instruções dos Espíritos*: Perdão das ofensas: 14 e 15. – A indulgência: 16 a 18. – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal dos outros?: 19 a 21.

Capítulo XI – Amar o próximo como a si mesmo.....147

O mandamento maior. Fazermos aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos Credores e dos Devedores: 1 a 4. – Daí a César o que é de César: 5 a 7. – *Instruções dos Espíritos*: A lei de amor: 8 a 10. – O egoísmo: 11 e 12. – A fé e a caridade:

13. – Caridade para com os criminosos: 14. – Deve-se expor a vida por um malfeitor?: 15.

Capítulo XII – Amai os vossos inimigos.....159

Retribuir o mal com o bem: 1 a 4. – Os inimigos desencarnados: 5 e 6. – Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra: 7 e 8. – *Instruções dos Espíritos*: A vingança: 9. – O ódio: 10. – O duelo: 11 a 16.

Capítulo XIII – Não saiba a vossa mão esquerda o que dá a vossa mão direita.....171

Fazer o bem sem ostentação: 1 a 3. – Os infortúnios ocultos: 4. – O óbolo da viúva: 5 e 6. – Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição: 7 e 8. – *Instruções dos Espíritos*: A caridade material e a caridade moral: 9 e 10. – A beneficência: 11 a 16. – A piedade: 17. – Os órfãos: 18. – Benefícios pagos com ingratidão: 19. – Beneficência exclusiva: 20.

Capítulo XIV – Honrai a vosso pai e a vossa mãe.....191

Piedade filial: 1 a 4. – Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?: 5 a 7. – Parentela corpórea e parentela espiritual: 8. – *Instruções dos Espíritos*: A ingratidão dos filhos e os laços de família: 9

Capítulo XV – Fora da caridade não há salvação201

De que precisa o Espírito para se salvar. Parábola do Bom Samaritano: 1 a 3. – O mandamento maior: 4 e 5. – Necessidade da caridade, segundo Paulo: 6 e 7. – Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação: 8 e 9. – *Instruções dos Espíritos*: Fora da caridade não há salvação: 10.

Capítulo XVI – Não se pode servir a Deus e a Mamom209

Salvação dos ricos: 1 e 2. – Preservar-se da avareza: 3. – Jesus em casa de Zaqueu: 4. – Parábola do Mau Rico: 5. – Parábola dos Talentos: 6. – Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria: 7. – Desigualdade das riquezas: 8. – *Instruções dos Espíritos*: A verdadeira propriedade: 9 e 10. – Emprego da riqueza: 11 a 13. – Desprendimento dos bens terrenos: 14. – Transmissão da riqueza: 15.

Capítulo XVII – Sede perfeitos225

Características da perfeição: 1 e 2. – O homem de bem: 3. – Os bons espíritos: 4. – Parábola do Semeador: 5 e 6. – *Instruções dos Espíritos*: O dever: 7. – A virtude: 8. – Os superiores e os inferiores: 9. – O homem no mundo: 10. – Cuidar do corpo e do espírito: 11.

Capítulo XVIII – Muitos os chamados, poucos os escolhidos	239
Parábola do Festim das Bodas: 1 e 2. – A porta estreita: 3 a 5. – Nem todos os que dizem: “Senhor! Senhor!” — entrarão no Reino dos céus: 6 a 9. – Muito se pedirá a quem muito recebeu: 10 a 12. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Dar-se-á àquele que tem: 13 a 15. – Reconhece-se o cristão pelas suas obras: 16.	
Capítulo XIX – A fé transporta montanhas	251
Poder da fé: 1 a 5. – A fé religiosa. Condição da fé inabalável: 6 e 7. – Parábola da Figueira que Secou: 8 a 10. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : A fé: mãe da esperança e da caridade: 11. – A fé divina e a fé humana: 12.	
Capítulo XX – Os trabalhadores da última hora.....	259
<i>Instruções dos Espíritos</i> : Os últimos serão os primeiros: 1 a 3. – Missão dos espíritos: 4. – Os obreiros do Senhor: 5.	
Capítulo XXI – Haverá falsos cristos e falsos profetas	265
Conhece-se a árvore pelo seu fruto: 1 a 3. – Missão dos profetas: 4. – Prodígios dos falsos profetas: 5. – Não creiais em todos os Espíritos: 6 e 7. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Os falsos profetas: 8. – Características do verdadeiro profeta: 9. – Os falsos profetas da erraticidade: 10. – Jeremias e os falsos profetas: 11.	
Capítulo XXII – Não separeis o que Deus uniu.....	277
Indissolubilidade do casamento: 1 a 4. – Divórcio: 5.	
Capítulo XXIII – Estranha moral.....	281
Odiar pai e mãe: 1 a 3. – Abandonar pai, mãe e filhos: 4 a 6. – Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos: 7 e 8. – Não vim trazer a paz, mas a divisão: 9 a 18.	
Capítulo XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire	291
Candeia sob o alqueire. Por que Jesus fala por parábolas: 1 a 7. – Não procureis os gentios: 8 a 10. – Não são os que gozam de saúde que precisam de médico: 11 e 12. – Coragem da fé: 13 a 16. – Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á: 17 a 19.	
Capítulo XXV – Buscai e achareis	301
Ajuda-te, que o Céu te ajudará: 1 a 5. – Olhai os pássaros do céu: 6 a 8. – Não vos inquieteis pela posse do ouro: 9 a 11.	
Capítulo XXVI – Dai de graça o que de graça recebestes.....	307
Dom de curar: 1 e 2. – Preces pagas: 3 e 4. – Mercadores expulsos do templo: 5 e 6. – Mediunidade gratuita: 7 a 10.	

Capítulo XXVII – Pedi e obtereis.....	313
Qualidades da prece: 1 a 4. – Eficácia da prece: 5 a 8. – Ação da prece. Transmissão do pensamento: 9 a 15. – Preces inteligíveis: 16 e 17. – Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores: 18 a 21. – <i>Instruções dos Espíritos</i> : Maneira de orar: 22. – Felicidade que a prece proporciona: 23.	
Capítulo XXVIII – Coletânea de preces espíritas.....	327
Preâmbulo: 1.	
I – <i>Preces gerais</i>	329
Oração dominical: 2 e 3. – Reuniões espíritas: 4 a 7. – Para os médiuns: 8 a 10.	
II – <i>Preces para si mesmo</i>	339
Aos anjos da guarda e aos Espíritos protetores: 11 a 14. – Para afastar os Espíritos maus: 15 a 17. – Para pedir a corrigenda de um defeito: 18 e 19. – Pedido para resistir a uma tentação: 20 e 21. – Ação de graças pela vitória alcançada sobre uma tentação: 22 e 23. – Para pedir um conselho: 24 e 25. – Nas aflições da vida: 26 e 27. – Ação de graças por um favor obtido: 28 e 29. – Ato de submissão e de resignação: 30 a 33. – Num perigo iminente: 34 e 35. – Ação de graças por haver escapado a um perigo: 36 e 37. – À hora de dormir: 38 e 39. – Prevendo a morte próxima: 40 e 41.	
III – <i>Preces pelos outros</i>	351
Por alguém que esteja em aflição: 42 e 43. – Ação de graças por um benefício concedido a outrem: 44 e 45. – Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal: 46 e 47. – Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos: 48 e 49. – Pelos inimigos do Espiritismo: 50 a 52. – Por uma criança que acaba de nascer: 53 a 56. – Por um agonizante: 57 e 58.	
IV – <i>Preces pelos que já não são da Terra</i>	358
Por alguém que acaba de morrer: 59 a 61. – Pelas pessoas a quem tivemos afeição: 62 e 63. – Pelas almas sofredoras que pedem preces: 64 a 66. – Por um inimigo que morreu: 67 e 68. – Por um criminoso: 69 e 70. – Por um suicida: 71 e 72. – Pelos Espíritos arrepentidos: 73 e 74. – Pelos Espíritos endurecidos: 75 e 76.	
V – <i>Preces pelos doentes e obsidiados</i>	368
Pelos doentes: 77 a 80. – Pelos obsidiados: 81 a 84.	
Nota Explicativa	375
Índice Geral	381

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e o cântico dos anjos se lhes associam. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto. Tomai da lira; que vossas vozes se unam e que, num hino sagrado, elas se estendam e vibrem de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, estamos juntos de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: “Senhor! Senhor!” e podereis entrar no Reino dos céus.

O ESPÍRITO DE VERDADE

NOTA – A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio. [Allan Kardec.]

INTRODUÇÃO

I – Objetivo desta obra

As matérias contidas nos Evangelhos podem ser divididas em cinco partes: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que serviram de base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja; e o ensino moral.*

Se as quatro primeiras partes têm sido objeto de controvérsias, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É o terreno onde todos os cultos podem reunir-se, a bandeira sob a qual todos podem abrigar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais constituiu matéria das disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelas questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, as seitas nele teriam encontrado sua própria condenação, visto que a maioria delas se agarra mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

Para os homens, em particular, aquele código é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida pública e privada, o princípio de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos ocultava a vida futura. É essa parte que será o objeto exclusivo desta obra.

Todo o mundo admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem por confiança, baseados no que ouviram dizer ou sobre a fé em algumas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e sabem deduzir as suas consequências. A razão disso está, em grande parte, na dificuldade que apresenta a leitura do

Evangelho, ininteligível para grande número de pessoas. A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem fazem com que a maioria o leia por descargo de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, intercalados no conjunto das narrativas, passam despercebidos; torna-se, então, impossível compreendê-los inteiramente e deles fazer objeto de leitura e meditações especiais.

É verdade que já foram escritos tratados de moral evangélica; todavia, a apresentação em estilo literário moderno lhe tira a singeleza primitiva, que constitui, ao mesmo tempo, o seu encanto e autenticidade. Dá-se o mesmo com as sentenças isoladas do contexto, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; já não passam de aforismos, destituídos de parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

Para prevenir esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, suprimindo unicamente o que não dizia respeito ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, bem como a divisão em versículos. Mas, em vez de nos atermos a uma ordem cronológica impossível, e sem vantagem real em semelhante assunto, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente, segundo a natureza de cada uma, de modo que possam ser deduzidas umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite que se recorra à classificação vulgar, caso seja necessário.

Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, teria apenas utilidade secundária. O essencial era colocá-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos às diversas situações da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos Espíritos bons que nos assistem.

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já puderam convencer-se os que o

estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão melhor ainda, mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte na Antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Em toda parte encontramos os seus vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. É por isso que, se ele rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem emanado de uma fonte única, poderiam ter sofrido uma influência pessoal ou do meio, ao passo que a diversidade das origens prova que os Espíritos dão seus ensinamentos por toda parte e que ninguém goza de qualquer privilégio a esse respeito.¹

Esta obra é para uso de todos. Dela cada um pode colher os meios de conformar sua conduta pessoal à moral do Cristo. Os espíritas nela encontrarão, além disso, as aplicações que lhes dizem respeito de modo especial. Graças às relações estabelecidas, daqui em diante e de maneira permanente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, já não será letra morta, porque todos a compreenderão e serão incessantemente compelidos a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As Instruções dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

II – Autoridade da Doutrina Espírita

Controle universal do ensino dos Espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora,

¹ Nota de Allan Kardec: Poderíamos dar, sem dúvida, sobre cada assunto, maior número de comunicações obtidas num grande número de cidades e centros espíritas, além das que citamos, mas quisemos, antes de tudo, evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que, tanto pelo fundo quanto pela forma, se enquadravam mais especialmente no contexto desta obra, reservando para publicações posteriores as que não puderam caber aqui.

Quanto aos médiuns, abstinemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns, ademais, não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos. Mencioná-los seria apenas satisfazer ao amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios não ligam a menor importância. Compreendem que o seu papel, por ser meramente passivo, o valor das comunicações em nada lhes realça o mérito pessoal, e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho intelectual a que prestam apenas o seu concurso mecânico.

ninguém, neste mundo, poderia ter a pretensão de possuir, sozinho, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se tivessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria preciso acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles os seus ensinamentos. Admitindo-se absoluta sinceridade de sua parte, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a *nova revelação* chegasse aos homens por um caminho mais rápido e mais autêntico; por isso encarregou os Espíritos de irem levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio exclusivo de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser enganado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Além disso, pode fazer-se que desapareça um homem, mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, ainda que se queimassem todos os livros nem por isso a fonte da Doutrina deixaria de conservar-se menos inesgotável, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em toda parte e de poderem todos dessedentar-se nela. Na falta de homens para difundir-la, haverá sempre os Espíritos, que atingem a todos e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com o auxílio dos inúmeros médiuns que eles vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido apenas um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. E mesmo esse intérprete, qualquer que fosse a classe a que pertencesse, teria sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos, comunicando-se em toda parte, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, não faz parte de nenhum culto particular, nem é imposto por nenhuma classe social, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Era preciso que fosse assim, para que ele pudesse conclamar todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, teria alimentado as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Essa universalidade no ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí reside também a causa de sua tão rápida propagação. Ao passo que

a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem de que não havia gozado ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens nem as revoluções morais, nem as perturbações físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que resulta da sua excepcional posição. O Espiritismo nela encontra poderosa garantia contra os cismas que pudessem ser suscitados, quer pela ambição de alguns, quer pelas contradições de certos Espíritos. Tais contradições, certamente, são um escolho, mas que traz consigo o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência da diferença entre as suas capacidades, acham-se longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais que os homens, e até menos que certos homens; que há entre eles, como entre os homens, presunçosos e pseudossábios, que julgam saber o que ignoram; cultores de sistemas, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram libertos das ideias e preconceitos terrenos. Mas também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que não lhes pertencem, a fim de tornarem aceitas as suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo que esteja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que seria imprudente aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, incontestavelmente, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em notória contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Esse controle,

porém, em muitos casos ficará incompleto, em razão da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade. Em semelhante caso, o que fazem os homens que não depositam absoluta confiança em si mesmos? Vão buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. Assim se deve proceder com relação ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem, eles mesmos, os meios de consegui-lo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, o melhor controle, mas é preciso ainda que ocorra em determinadas condições. A menos segura de todas é quando o próprio médium interroga vários Espíritos acerca de um ponto duvidoso. Evidentemente, se ele estiver sob o império de uma obsessão ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Também não há garantia suficiente na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo Centro, pois eles podem estar todos sob a mesma influência.

A única garantia séria do ensino dos Espíritos está na concordância que exista entre as revelações que eles façam espontaneamente, por meio de grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Compreende-se que não se trata aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas das que se referem aos próprios princípios da Doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo deve ser revelado, ele é ensinado *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas ideias e fora da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema ficará *circunscrito* e cairá diante da unanimidade das instruções dadas de todas as partes, como já demonstraram numerosos exemplos. Foi essa unanimidade que fez tombar todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos, quando formulamos um princípio da Doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente, como árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa,

porque somos nós que vo-lo dizemos”. Aos nossos próprios olhos, a nossa opinião não passa de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Na posição em que nos encontramos, recebendo comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos do globo, estamos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é também ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para adiante. Essas revelações, formuladas às vezes com palavras veladas, frequentemente têm passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros se julgaram os únicos a possuí-las. Tomadas isoladamente, não teriam para nós nenhum valor; só a coincidência lhes confere gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. É esse movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, se encontrará o critério da verdade. O que determinou o êxito da Doutrina formulada em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns* foi que em toda parte todos puderam receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados os Espíritos tivessem vindo contradizê-la, há muito tempo esses livros já teriam experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem o apoio da imprensa os salvaria do naufrágio, ao passo que, mesmo privados desse apoio, não deixaram eles de abrir caminho e de avançar rapidamente. É que tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também superou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as ideias que, emanando dos Espíritos ou dos homens, não possam suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

Suponhamos, portanto, que alguns Espíritos queiram ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, visando desacreditar a Doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, se, de todos os lados, eles fossem desmentidos pelos Espíritos? É da adesão destes últimos que nos devemos garantir, antes de lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, há a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os argumentos dos detratores, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, oriundas do Espaço, chegam de todas as partes do Universo, combatendo-os tenazmente no seio de cada família? A esse respeito, já não foi a teoria confirmada pela experiência? Que é feito de todas essas publicações que deveriam, pretensamente, aniquilar o Espiritismo? Qual é a que ao menos lhe deteve a marcha? Até agora não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais graves, incontestavelmente. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que, em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu objetivo providencial fracassaria, pela razão muito simples de que os Espíritos, em virtude da universalidade de seus ensinamentos, farão cair por terra qualquer modificação que se afaste da verdade.

De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de ideias, estabelecida e sancionada, poderia, certamente, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, e menos ainda no futuro.

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem isoladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, só devem ser apresentadas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas necessitando, em todos os casos, de confirmação. É essa confirmação que se deve aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos que se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com extrema sabedoria. Não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender verdades de ordem mais elevada e quando as circunstâncias são propícias à emissão de uma ideia nova. É por isso que eles não disseram tudo desde o começo, e ainda não o disseram até hoje, jamais cedendo à impaciência de pessoas muito apressadas que querem colher os frutos antes que amadureçam. Seria, pois, supérfluo querer avançar o tempo designado a cada coisa pela Providência, porque, então, os Espíritos realmente sérios negariam o seu concurso. Os Espíritos levianos, porém, pouco se preocupando com a verdade, respondem a tudo; é por isso que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são a consequência obrigatória das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões de outros dizem o contrário em outro lugar, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único a ter tal opinião. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte de um Espírito, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, *nunca* a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se aguarde a confirmação.

Por grande, justa e bela que seja uma ideia, é impossível que congregue, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém que se produzam desde logo, para que as ideias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritos que alimentarem quaisquer temores a esse respeito podem, portanto, ficar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem nem nós, nem qualquer outro que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que venha impor-se a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a

sua lei se assentasse em base inabalável, e foi por isso que não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

Diante de tão poderoso areópago, que não conhece manobras nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; é que nos quebraríamos nós mesmos se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano.

O conjunto harmonioso já se esboça. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porque, daqui até lá, potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso não se dá, aquele que flutua entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício certo do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

III – Notícias históricas

Para bem se compreenderem certas passagens dos Evangelhos, é necessário que se conheça o valor de várias palavras neles frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judaica naquela época. Já não tendo para nós o mesmo sentido, essas palavras muitas vezes têm sido mal-interpretadas, causando isso uma espécie de incerteza. A compreensão de seu significado explica, além disso, o verdadeiro sentido de certas máximas que, à primeira vista, parecem singulares.

Samaritanos – Após o cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes,

ela foi, sob o domínio romano, a sede administrativa da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o Grande, a embelezou com suntuosos monumentos e, para lisonjear Augusto, deu-lhe o nome de *Augusta*, em grego *Sebaste*.

Os samaritanos estiveram quase sempre em guerra com os reis de Judá. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos que evitavam todas as relações recíprocas. Os samaritanos, para tornarem mais profunda a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros, que a esse foram depois anexados. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, pois, por único princípio a divergência das opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem. Eram os *protestantes* daquele tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Mediterrâneo oriental, particularmente em Nablus e em Jaffa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só se casam entre si.

Nazarenos – Nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto ou perpétuo ou temporário de guardar perfeita pureza. Eles se comprometiam a observar a castidade, a abster-se de bebidas alcoólicas e a conservar a cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Esse foi também o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da Era Cristã, a qual, do mesmo modo que os ebionitas,² de quem adotava certos princípios, misturava as práticas mosaicas com os dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no século quarto.

Publicanos – Assim eram chamados, na antiga Roma, os cavalheiros arrendatários das taxas públicas, encarregados da cobrança dos impostos e das rendas de toda natureza, quer na própria Roma, quer nas outras partes do Império. Assemelhavam-se aos arrendatários gerais e arrematadores de taxas do antigo regime na França e que ainda existem em algumas regiões.

² N.E.: Membros de uma seita judaica da Palestina e Síria.

Os riscos que eles corriam faziam que se fechassem os olhos para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de muitos, eram fruto de exações e de lucros escandalosos. O nome *publicano* se estendeu mais tarde a todos os que administravam o dinheiro público e aos agentes subalternos. Hoje esse termo se emprega em sentido pejorativo para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se às vezes: “Ávido como um *publicano*, rico como um *publicano*”, com referência a uma fortuna de má procedência.

De toda a dominação romana, o imposto foi o que os judeus aceitaram com mais dificuldade e o que causou mais irritação entre eles. Dele resultaram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerado contrário à lei. Formou-se até um partido poderoso, em cuja chefia estava um certo Judá, apelidado o Gaulonita, que estabelecera como princípio o não pagamento do imposto. Os judeus tinham, portanto, horror ao imposto e, em consequência, a todos os que se encarregavam de arrecadá-lo. Daí a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em virtude de suas funções, eram desprezadas, assim como as pessoas de suas relações e confundidos na mesma reprovação. Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter intimidade com eles.

Portageiros – Eram os arrecadadores de baixa categoria, incumbidos principalmente dos direitos de entrada nas cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos à dos empregados de alfândega e recebedores de direitos de barreira. Compartilhavam da repulsa dirigida aos publicanos em geral. Essa a razão por que, no Evangelho, encontra-se frequentemente o nome de *publicano* associado à expressão *gente de má vida*. Tal qualificação não implicava a de debochados ou vagabundos; era um termo de desprezo, sinônimo de *gente de má companhia*, indignas de conviver com *pessoas distintas*.

Fariseus – (Do hebreu *parasch* = divisão, separação.) – A tradição constituía parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa compilação das interpretações sucessivas dadas sobre o sentido das Escrituras e tornadas artigos de dogma. Entre doutores, constituía assunto de discussões intermináveis, na maioria das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nasceram diferentes seitas, cada uma das quais

pretendia ter o monopólio da verdade, detestando-se cordialmente entre si, como acontece quase sempre.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que teve por chefe *Hillel*, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo. Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, especialmente sob Hircano³ — soberano pontífice e rei dos judeus —, Aristóbulo⁴ e Alexandre, rei da Síria. No entanto, como este último lhes restituiu as honras e os bens, os fariseus recobram seu poder e o conservaram até a *ruína de Jerusalém*, no ano 70 da Era Cristã, quando então o seu nome desapareceu, em consequência da dispersão dos judeus.

Os fariseus tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios, mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Para eles, a religião era mais um meio de chegarem a seus fins, do que objeto de fé sincera. Da virtude só guardavam a ostentação e as exterioridades, embora exercessem, com isso, grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Essa a razão por que eram muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou, pelo menos, fingiam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, item 4.) Jesus, que prezava sobretudo a simplicidade e as qualidades do coração, que, na lei, preferia o *espírito que vivifica, à letra, que mata*, se aplicou, durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a hipocrisia, transformando-os, em consequência disso, em seus inimigos obstinados. É por isso que eles se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar o povo contra Jesus e eliminá-lo.

Escribas – Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus. Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para

³ N.E.: Hircano I ou João Hircano, sumo sacerdote e rei dos judeus (134-104 a.C.). Expandiu e levou a sua terra, a Judeia, à independência.

⁴ N.E.: Rei da Judeia (67-63 a.C.). Foi envenenado por Pompeu.

o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores. Por isso Jesus os confundia na mesma reprovação.

Sinagoga – (Do grego *synagogé* = assembleia, congregação.) – Só havia na Judeia um único templo, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus para lá se dirigiam todos os anos, em peregrinação para as festas principais, como as da Páscoa, da Dedicção e dos Tabernáculos. Por ocasião dessas festas é que Jesus viajou algumas vezes para lá. As outras cidades não possuíam templos, mas sinagogas, edifícios nos quais os judeus se reuniam aos sábados para fazer preces públicas, sob a chefia dos anciães, dos escribas ou doutores da lei. Nelas também se faziam leituras tiradas dos livros sagrados, seguidas de explicações e comentários, a que cada um podia tomar parte. É por isso que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava aos sábados nas sinagogas.

Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades por eles habitadas, servem-lhes de templos para a celebração do culto.

Saduceus – Seita judia, que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo, assim chamada por causa de *Sadoque*, seu fundador. Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto, acreditavam em Deus, mas, nada esperando após a morte, só o serviam tendo em vista recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a sua providência. Assim, a satisfação dos sentidos constituía para eles o objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição, nem qualquer interpretação. Colocavam as boas obras e a observância pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Essa seita era pouco numerosa, embora contasse em seu seio importantes personagens; tornou-se um partido político oposto constantemente aos fariseus.

Essênios ou Esseus – Seita judia, fundada por volta do ano 150 antes de Jesus Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiro, formavam entre si um tipo de associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e pelas virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura.

Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, bem como aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que dividiram essas duas seitas. Seu gênero de vida se assemelhava ao dos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam levaram algumas pessoas a supor que Jesus fizera parte dessa seita, antes do começo de sua missão pública. É certo que o Mestre deve tê-la conhecido, mas nada prova que se houvesse filiado a ela, sendo, pois, hipotético tudo quanto se escreveu a esse respeito.⁵

Terapeutas – (Do grego *therapeutés*, formado de *therapeuein*, servir, cuidar, isto é: servidores de Deus ou curadores.) – Eram sectários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham muita relação com os essênios, cujos princípios adotavam, aplicando-se, como esses últimos, à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era extremamente frugal. Devotados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, constituíam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas; considerou-a uma seita do Judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Pais da Igreja pensam que eles eram cristãos. Fossem judeus ou cristãos, o que é evidente é que, do mesmo modo que os essênios, eles representam o traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo.

IV – Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo

Do fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, seria errôneo concluir-se que Ele colheu nessa seita a sua doutrina e que, se tivesse vivido noutra meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se baseiam na verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, quando é chegado o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos e, com eles, formar um corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos predispostos a aceitá-la. Assim aconteceu com a ideia cristã

⁵ Nota de Allan Kardec: *A morte de Jesus*, supostamente escrita por um irmão essênio, é uma obra completamente apócrifa, escrita para servir a determinada opinião. Ela traz em si mesma a prova da sua origem moderna.

que foi presentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.

Sócrates, assim como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, não deixou nenhum escrito. Como Ele, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças estabelecidas e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; numa palavra, por ter combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, Sócrates também foi acusado pelos fariseus do seu tempo — já que sempre os houve em todas as épocas — de corromper a juventude, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. E assim como só conhecemos a doutrina de Jesus pelos escritos de seus discípulos, só conhecemos a de Sócrates pelos escritos de seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior relevo, para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo.

Aos que considerarem esse paralelo uma profanação e pretendam que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha como objetivo combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída com isso; que, além disso, se trata de um fato da História, que não pode ser suprimido. O homem chegou a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Está maduro bastante para encará-la. Tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. É chegado o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, não mais do ponto de vista mesquinho e acanhado dos interesses de seitas e de castas.

Além disso, essas citações provarão que, se Sócrates e Platão presentiram a ideia cristã, também se encontram em sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

Resumo da doutrina de Sócrates e Platão

I. O homem é uma *alma encarnada*. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando e, *recordando o seu passado*, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

II. A alma se transvia e se perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela da mesma natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama *sabedoria*.

Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material, vive iludido. Para as apreciar com justeza, é preciso vê-las do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. A verdadeira sabedoria deve, portanto, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, item 5.)

III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Além disso, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, é impossível sermos sábios, ainda que por um instante. Mas se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma, enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, é lícito esperar, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer, e a morte não lhes parece terrível de modo algum.

Está aí o princípio das faculdades da alma obscurecidas em razão dos órgãos corpóreos, e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas não se trata aqui senão de almas de escol, já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (*O céu e o inferno*, Primeira parte, cap. II; Segunda parte, cap. I.)

IV. A alma impura, nesse estado, encontra-se oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Erra, então, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estar ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz com que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons, mas as dos maus, que se veem forçadas a vagar nesses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam o objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que ainda se mantêm sob o jugo da matéria é descrito tal qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: é dito que a reencarnação num corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. O Espiritismo não diz outra coisa, acrescentando apenas que a alma, que tomou boas resoluções na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência marca para ela um progresso intelectual e moral. (*O céu e o inferno*, Segunda parte, *Exemplos*.)

V. Após a nossa morte, o gênio (*daïmon*, *demônio*) que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao *Hades*, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida *em múltiplos e longos períodos*.

É a doutrina dos anjos da guarda ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a Divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.

A palavra *daïmon*, da qual fizeram o termo demônio, não era, na Antiguidade, tomada em mau sentido, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos em geral,

dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo também afirma que os Espíritos povoam o Espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, encarregados de transmitir suas vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Substituí a palavra *demônio* pela palavra *Espírito* e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Se a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII. Se a alma é imaterial, ela deve passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Importa somente distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimente, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma *mais ou menos* maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares de sua passagem pela Terra.

Como se vê, Sócrates e Platão compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua *maior* ou *menor* pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (*O céu e o inferno*, Segunda parte.)

IX. Se a morte fosse a dissolução completa do homem, seria muito vantajosa para os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que adornou sua alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Em outros termos, equivale a dizer que o materialismo, que proclama o nada para depois da morte, anula toda responsabilidade moral posterior e, por conseguinte, é um estímulo ao mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra

vida. O Espiritismo nos mostra, por meio de exemplos que diariamente nos põe sob os olhos, quanto é penoso para o mau o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (*O céu e o inferno*, Segunda parte, cap. I.)

X. O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despojada do corpo traz evidentes os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra vida que nos seja útil quando estivermos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que *mais vale receber do que cometer uma injustiça* e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem. (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão.)

Encontramos aqui outro ponto capital confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Esta máxima: *mais vale receber do que cometer uma injustiça*, não é inteiramente cristã? Jesus exprimiu o mesmo pensamento, por meio desta figura: “Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra”. (Cap. XII, itens 7 e 8.)

XI. De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem reunir-se, que felicidade a de lá encontrarmos aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam como tais e não o são. Mas é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os homens que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que se estabeleceram entre eles, de sorte que a morte não é nem uma interrupção nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo daria quinhentos anos mais tarde e os que agora dão os Espíritos, não teriam falado de outro modo. Não há nisto nada que deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados devem tê-las conhecido antes de virem à Terra para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, e que foram escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, podem hoje fazer parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII. *Nunca se deve retribuir uma injustiça com outra injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o mal que nos tenham causado.* Poucos, no entanto, admitirão esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito devem apenas desprezar-se mutuamente.

Não está aí o princípio da caridade que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos?

XIII. É pelos frutos que se conhece a árvore. É preciso qualificar toda ação segundo o que ela produz: qualificá-la de má, quando dela provenha o mal; de boa, quando dê origem ao bem.

Esta máxima: “É pelos frutos que se conhece a árvore”, se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence. (Cap. XVI.)

XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços para se lhe assemelhar. Seria grave se os deuses dispensassem mais atenção a essas oferendas, do que à nossa alma. Dessa maneira, os maiores culpados poderiam conquistar os seus favores. Mas não: só os verdadeiramente justos e retos, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens. (Cap. X, itens 7 e 8.)

Introdução

XVI. Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que ama o corpo mais do que a alma. O amor está por toda parte na Natureza, convidando-nos ao exercício da nossa inteligência; nós o encontramos até mesmo no movimento dos astros. É o amor que enfeita a Natureza com os seus ricos tapetes; ele se orna e fixa morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.

O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como Lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa proposição lhe foi imputada como crime.

XVII. A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça, mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, não há mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus concede a todo homem de boa vontade para se livrar do mal e fazer o bem.

XVIII. Há uma disposição natural em todos nós: a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que dos alheios.

Diz o Evangelho: “Vedes o cisco no olho do vosso vizinho, e não vedes a trave que está no vosso”. (Cap. X, itens 9 e 10.)

XIX. Se os médicos são malsucedidos na maior parte das doenças, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, é impossível que uma parte dele passe bem.

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, um novo caminho à Ciência; ao lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculta-lhe os meios de as combater. Quando levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, a Ciência fracassará menos.

XX. Todos os homens, a partir da infância, fazem muito mais mal do que bem.

Essa sentença de Sócrates toca na grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, habitada apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo lhe dá solução, desenvolvida logo adiante, nos capítulos II, III e IV

XXI. Há sabedoria em não acreditares que sabes o que ignoras.

Isso vai endereçado às pessoas que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: “Tentemos, primeiro, torná-las, se for possível, mais honestas nas palavras; se não o forem, *não nos preocupemos com elas* e não procuremos senão a verdade. Tratemos de instruir-nos, mas *não nos injuriemos*”. É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Se Platão revivesse hoje, encontraria as coisas mais ou menos como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Sócrates também se depararia com pessoas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tanto é certo que, as grandes verdades novas, ao levantarem contra si os interesses e os preconceitos que ferem, não podem estabelecer-se sem luta e sem fazer mártires.

CAPÍTULO I



Não vim destruir a Lei

- As três revelações: Moisés, o Cristo, o Espiritismo • Aliança da Ciência e da Religião • *Instruções dos Espíritos: A Nova Era*

1. Não penseis que Eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los: porque, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto. (MATEUS, 5:17 e 18.)

Moisés

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A Lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis diante de mim outros deuses estrangeiros. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está acima no céu, nem embaixo, na Terra. Não os adorareis e nem lhes prestareis culto soberano.

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não matareis.

VI. Não cometeis adultério.

VII. Não roubareis.

VIII. Não prestareis falso testemunho contra o vosso próximo.

IX. Não desejareis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiçareis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

Essa Lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés estabeleceu, obrigado a manter, pelo temor, um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis houve de lhes atribuir origem divina, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus, mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, nos quais o senso moral e o sentimento de uma justiça reta estavam ainda pouco desenvolvidos. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: “Não matareis; não fareis mal ao próximo”, não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, tinham, pois, um caráter essencialmente transitório.

O Cristo

3. Jesus não veio destruir a Lei, isto é, a Lei de Deus; veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. É por isso que se encontra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, Ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical, do que as reduzindo a esta única prescrição: “*Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*”, e acrescentando: “*ai estão toda a lei e os profetas*”.

Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota”, Jesus quis dizer que era necessário que a Lei de Deus fosse cumprida, isto é, praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e consequências. Realmente, de que serviria haver estabelecido aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Sendo todos os homens filhos de Deus, todos, sem distinção, são objeto da mesma solicitude.

4. Mas o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio dar cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra, e sim no Reino dos céus; veio ensinar-lhes o caminho que conduz a esse reino, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, a respeito de muitos pontos, a lançar o germe de verdades que, segundo Ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido oculto de certas palavras suas, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave, e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais ideias. Era preciso, pois, dar tempo à Ciência para progredir.

O Espiritismo

5. O *Espiritismo* é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que Ele disse perma-

neceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.

6. A lei do *Antigo Testamento* está personificada em Moisés; a do *Novo Testamento* está personificada no Cristo. O Espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são *as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz aos homens o tributo de suas luzes, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera.

7. Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a Lei, mas cumpri-la”, o Espiritismo diz igualmente: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento”. Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo mundo, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Portanto, o Espiritismo é obra do Cristo, que Ele mesmo preside, assim como preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra.

Aliança da Ciência e da Religião

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Ambas, porém, tendo o mesmo princípio, que é Deus*, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de um excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo hão de receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o

elemento espiritual; em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças — Ciência e Religião — apoiando-se uma na outra, marcharão combinadas e se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão e já não se lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até hoje porque cada uma, encarando as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era preciso alguma coisa para preencher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela experiência essas relações, fez-se uma nova luz: a fé dirigiu-se à razão, a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. Mas nisso, como em todas as coisas, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução moral que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma Nova Era para a Humanidade. As consequências dessa revolução são fáceis de prever; deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, às quais ninguém terá força para se opor, porque estão nos desígnios de Deus e resultam da lei do progresso, que é uma Lei de Deus.

Instruções dos Espíritos

A Nova Era

9. Deus é único, e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo destinavam-se a impressionar os olhos dos homens e a fazer cair o véu que lhes ocultava a Divindade.

Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o germe da mais ampla moral cristã. Os comentários da *Bíblia*, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não a teriam então compreendido. Mas nem por isso, os dez mandamentos de Deus deixavam de ser uma espécie de frontispício brilhante, qual farol destinado a iluminar a estrada que a Humanidade devia percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos nem que se devesse perdoar a um inimigo. A inteligência deles, notável do ponto de vista da matéria e mesmo das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade e não se teria convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, tal como então a oferecia a religião hebraica. Os sacrifícios, pois, lhes falavam aos sentidos, enquanto a ideia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual a Natureza está submetida, que se cumpre, e o *Espiritismo* é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer com que a Humanidade avance.

São chegados os tempos em que as ideias morais hão de desenvolver-se para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Porém, não se deve acreditar que esse desenvolvimento se faça sem lutas. Não, aquelas ideias precisam para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, e eles se dedicarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá. — *Um Espírito israelita*. (Mulhouse, 1861.)

10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade transpor as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantes aos profetas do *Antigo Testamento*, os Espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus alicerces; o trovão ribombará. Sede firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois se assenta sobre as próprias Leis da Natureza e, crede, tudo o que é de ordem divina tem um objetivo grande e útil. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, revertia-se em proveito do Espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor devem marchar unidos à Ciência. O Reino do Cristo, ah! passados dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltaí para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil àquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os Espíritos bons já vo-lo disseram bastante. Curvai-vos ao sopro precursor que anuncia a tempestade, a fim de não serdes derrubados, isto é, preparai-vos e não vos assemelheis às virgens loucas,⁶ que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se prepara é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, a fim de que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa humilde voz, pois sois o grão de areia, mas, sem grãos de areia, não haveria montanhas. Assim, pois, que estas palavras — “Somos pequenos” — não tenham sentido para vós. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o seu formigueiro e animálculos não elevam continentes? Começou a nova cruzada. Apóstolos da paz universal, e não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhai e marchai para frente; a lei dos mundos é a lei do progresso. — *Fénelon*. (Poitiers, 1861.)

11. Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte, e encontramos a razão disso na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais a cristandade deve os seus mais sólidos alicerces. Como vários outros, foi arrancado ao paganismo, ou melhor, à impiedade

⁶ N.E.: Ver MATEUS, 25:1 a 13.

mais profunda, pelo fulgor da verdade. Quando, entregue aos maiores excessos, sentiu na sua alma aquela estranha vibração que o fez voltar a si e compreender que a felicidade não estava alhures nem nos prazeres enervantes e fugidios; quando, afinal, no seu caminho de Damasco, ele também ouviu a santa voz que lhe clamava: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” exclamou: “Meu Deus! meu Deus! perdoai-me, eu creio, sou cristão!” E desde então se tornou um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Podemos ler, nas notáveis confissões que esse eminente Espírito nos deixou, as palavras ao mesmo tempo características e proféticas que pronunciou após ter perdido Santa Mônica: *Estou convencido de que minha mãe virá visitar-me e me dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura.* Que ensinamento nessas palavras e que brilhante previsão da futura doutrina! É por isso que, hoje, vendo chegada a hora da divulgação da verdade que ele outrora já havia pressentido, se constituiu seu ardoroso propagador e, por assim dizer, se multiplica para responder a todos os que o chamam. — *Erasto*, discípulo de Paulo. (Paris, 1863.)

NOTA — Será que Santo Agostinho vem demolir o que edificou? Certamente que não, mas, como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não via como homem. Sua alma, desprendida, entrevê novas claridades; compreende o que antes não compreendia. Novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras. Na Terra, julgava as coisas de acordo com os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz brilhou para ele, pôde apreciá-las mais judiciosamente. Por isso teve de abandonar a crença que alimentara, nos Espíritos íncubos e súcubos, e o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora, que o Cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, pode ele, sobre alguns pontos, pensar de modo diverso do que pensava quando vivo, sem deixar de ser um apóstolo cristão. Pode, sem renegar sua fé, fazer-se o propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento do que fora predito. Proclamando-o hoje, nada mais faz do que conduzir-nos a uma interpretação mais acertada e lógica dos textos. Dá-se o mesmo com outros Espíritos que se encontram em posição semelhante.